

MISCELÂNEAS

Organizado por:

Maria Teresa Eglér Mantoan



MISCELÂNEAS

BIBLIOTECA / UNICAMP
CAMPINAS 2016



MISCELÂNEAS

Sistemas de Bibliotecas da UNICAMP /
Diretoria de Tratamento da Informação

Bibliotecário: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª 1724

M681

Miscelâneas [recurso eletrônico] / organizado por:
Maria Teresa Égler Mantoan ; LEPED ; editoração, capa e
digitalização: Gustavo Machado Tomazi -- Campinas, SP:
Unicamp/Biblioteca Central, 2016.

Prefixo Editorial: 85783

ISBN: 978-85-85783-67-9

1. Educação. 2. Escola. 3. Inclusão em educação.

I. Mantoan, Maria Teresa Égler. II. Laboratório de Estudos e
Pesquisas em Ensino e Diferença. III. Tomazi, Gustavo
Machado. IV. Título.

CDD – 370

- 371

- 371.9



BIBLIOTECA / UNICAMP
CAMPINAS 2016

PREFÁCIO

Encontro do Grupo de Estudo do LEPED



VÍDEO LEPED - OFICINA CASA DA MATA

(CLIQUE NA IMAGEM)

Alguns viajam, vem de longe para participar das reuniões. Trazem na bagagem uma vida inteira de experiências na educação, formação de professores. Outros chegam direto das suas escolas, carregado as lidas do dia-a-dia. Todos chegam com suas contradições, alegrias, incertezas, dúvidas, decepções, soluções.

As cabeças estão cheias dos textos lidos. Vão aparecendo, como um grupo de estudantes, que voltam a ser. Estão movidos pelo desejo de entender mais, de decifrar o fenômeno educativo. Buscam encontrar algo mais que amplie seus horizontes de trabalho, transformando-os.

A chegada é sempre um encontro de amizade, de quem quer compartilhar saberes, descobertas. Está na hora de somarmos o que aprendemos de novo, em nossas leituras, de dividirmos inquietações, de dizer o que pensamos, abertamente, sem pruridos, reticências.

No espaço de nossas reuniões há um jeito peculiar de expormos o que pensamos. Agimos com informalidade, nos expomos sem tensões, a não ser aquelas que os

textos lidos provocam. E são muitas as tensões. As leituras nos provocam e temos de liberar o que concordamos, discordamos com espontaneidade. As vozes se alteram, muitas vezes. Outras vezes faz-se um silêncio de compreensão, de aceitação, de trégua. Logo outra questão aparece e começamos tudo de novo. Nessa alternância de sentimentos, de manifestações vamos vivendo o tempo de nossas reuniões.

O café

O café, celebra o início de nossos trabalhos, mas pode se repetir tantas e quantas forem as cápsulas disponíveis. E tem sempre as bolachinhas, as sementinhas torradas e até bolo. Um momento de saudar a oportunidade de estarmos juntos .

Coisa boa de viver!

Os livros estão pousados, à espera de serem folhados, relidos, lembrados. Mesa e cadeiras expectantes...As ferramentas estão disponíveis para serem acionadas em breve. Mas, por enquanto aguardam, repousam.

Uma borboleta anuncia que é hora de começarmos a reunião.

Não começamos sem antes colher , passeando informalmente pelo mundo mágico das ideias. Aquecemos os debates procurando fragmentos dispersos por aí, encontrando nexos, fazendo escolhas, compartilhando as descobertas. Tudo acontece durante o passeio que antecede a reunião. Garimpagem de tesouros, que antecipam o desenho de pensamentos, de sentimentos que brilharão como jóias imaginadas no silêncio de cada um, andando a esmo pelo chão batido.

Há paradas que interrompem esse tempo de descoberta de si, provocado pelo encontro com o inusitado, que os olhos curiosos da mente vasculham pelo terreno. Alguém tem algo a dizer, a demonstrar. Precisa de ser ouvido. Há sempre o que aprender. Interrupções que nos levam para outros rumos.

Volta à Oficina

Aos poucos voltamos para a Oficina de saberes, que nos atrai com o que oferece para que testemos nossas capacidades. Experimentar o maquinário, a nossa destreza ao utilizá-lo. Precisamos dele para produzir o que almejamos e o que decidimos construir num tempo que antecedeu a toda essa movimentação, novidades. Estamos articulando sonhos, habilidades, no encontro com conteúdos, formas, que vão traduzir p que queremos expor, mostrar, dividir com os demais. O que entendemos das leituras, da escola perpassada por elas, de nossas incursões pelos fatos educacionais.

Tempo de decidir como harmonizar teoria e prática, beleza e pedaços de madeira, raízes, , arames retorcidos, sementes, folhas que começam a tomar forma. Então tudo se mistura: mãos, dedos, falas, enquanto as criações se atualizam, tomam a forma pretendida, são avaliadas, modificadas, também. Aprimorar as composições,

namorar as construções, dar aquele toque peculiar a cada peça.

É assim, que movidos pelo encantamento das construções nossas e dos demais, que vamos depositando as criações sobre a mesa. Com esmero e orgulho do produzido, anunciamos a beleza de criar e de concretizar projetos que nascem do que foi lido, vivido.

A partir de que linguagens, de que formas de pensar, de que propostas é possível pensar, dizer, olhar e fazer educação?

Nada mais concreto do que a produção deste encontro. Aqui se mostram as possibilidades de se fazer educação, partindo de uma experiência de si, de uma construção compartilhada. É possível entender os estudos, a investigação pedagógica como prática de si, como transformação, como obra que nasce de um, mas se entrelaça no grupo.

Que mensagens nos trazem esse encontro educacional, em que se sai por caminhos afora de nossos modos habituais de olhar, de pensar de fazer educação? Em que o encontro do que produzimos gera uma harmonização natural, mas muito requintada, pois não pretende criar efeitos de sentido, pretensões de verdade? Em que este encontro nos desafia?

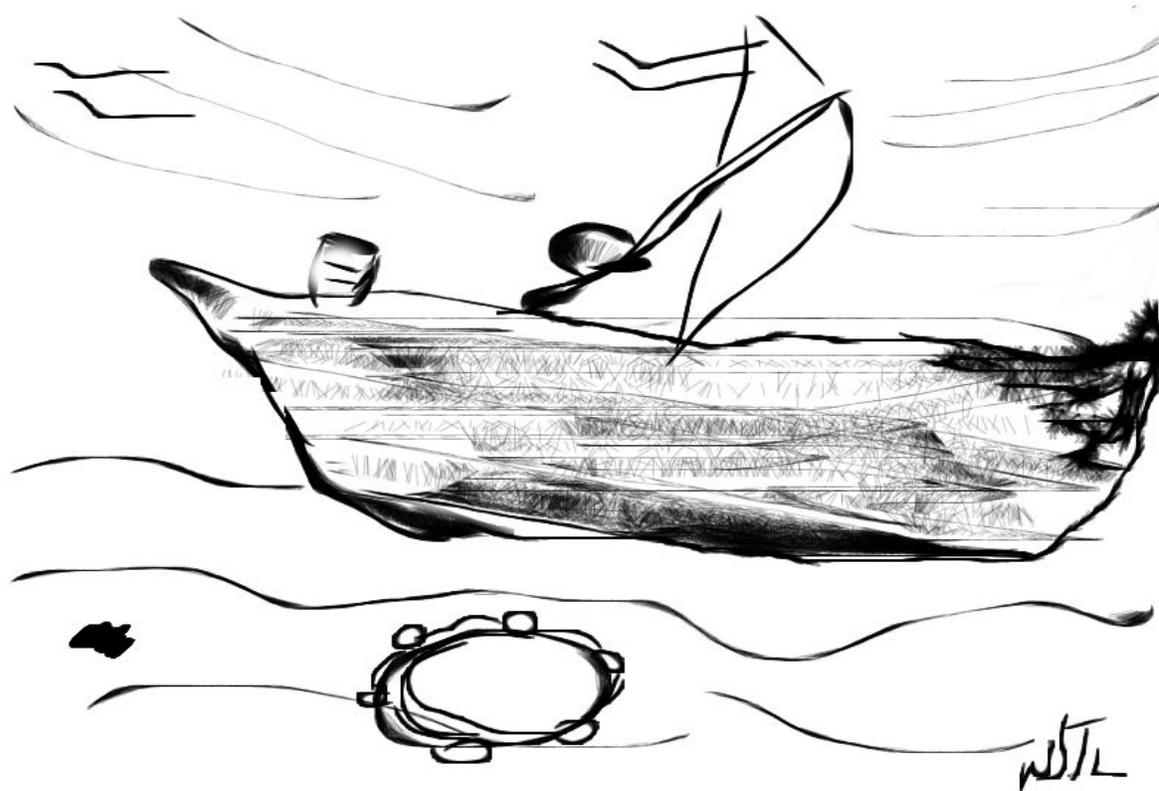
Depois, é só brindar, festejar, partilhar a alegria de uma manhã de trabalho, em que juntamos e rejeitamos o que recolhemos do terreno das leituras, das nossas práticas escolares.

A educação é e será sempre um trabalho de todos e de um só.

LEPED

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
Encontro do Grupo de Estudo do LEPED	
O DIÁLOGO COM BHABHA	8
Ana Paula Ignácio Masella	
DISSE-ME NAÇÃO - NARRATIVAS E AS MARGENS DA NAÇÃO MODERNA.....	14
Monica Hummel	
ACASO LIMIAR: A MADEIRA, O IMPROVISO E OS ACONTECIMENTOS NA FRONTEIRA. 29	
Seizo Vinicius Soares	
ESPAÇOS DO POSSÍVEL: ESCOLA, DIFERENÇA, ARTE E INCLUSÃO	46
Carolina Bosco	
EU SOU MARIA, DAS MUITAS MARIAS DE PORTUGAL E DO BRASIL.....	67
Maria da Luz C. M. Veiga	
CULTURA NO USO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL.....	82
João Vilhete Viegas d'Abreu	
NARRATIVAS CONCEITUAIS: UMA QUASE FICÇÃO	105
Suely Galli	
NOSSA VIAGEM.....	126
Maria Regina Viana Pannuti	
TEMPO DE CAMINHAR.....	152
Marcia Maria do Nascimento	
ODE À CAPOEIRA: "ALÉM" MAR, ENTRE MUNDOS E TAMBORES	167
Norma Silvia Trindade de Lima	
CARTA AO CARO PROFESSOR BHABHA	182
Ayeres Brandão	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	213



ODE À CAPOEIRA:
"ALÉM" MAR, ENTRE MUNDOS E TAMBORES

Norma Silvia Trindade de Lima

Outrora, não passava por minha cabeça, a possibilidade, e nem desejo (?) de capoeirar. Mulher, sem porte atlético, tímida, praticar uma modalidade corporal de tamanho desafio... basicamente, praticada por homens ágeis, fortes, "sarados". Esse era o meu imaginário, povoado por enunciados fixados, àquela época, última década do século passado.

Na ocasião, a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira ainda não tinham sido reconhecidos como bens culturais. A capoeira ainda não tinha o "título" de patrimônio cultural imaterial brasileiro, muito menos o reconhecimento de patrimônio da humanidade, e o valor atribuído à ela, era bem outro, o "outro" negativado.

Cresci em um grande centro ("metrópole").

Outra-ora, recém-chegada a uma cidade do interior de São Paulo e egressa de uma terapia de base político-anarquista, chamado Somaterapia, criado por Roberto Freire, surgiu um mote: continuar um processo pessoal, terapêutico, de "resistência". Este autor em seu livro "Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu", reconhecia que a capoeira teria um potencial libertário passível de dar continuidade ao processo terapêutico proposto pela "Soma", fomentando autogestão e questionamento frente a mecanismos/dispositivos opressores e alienantes da sociedade capitalista. E, assim, sem (outra) pretensão, iniciei a capoeira, já há bons anos atrás...

Tomei coragem, apesar de todos os medos e vergonha, sentimento muito comum em iniciantes. Inspirada em uma demanda estritamente pessoal, comecei, então, a aprender e a me encantar frente ao complexo universo artístico e cultural da capoeira.

Era um grupo de pessoas com experiências de vida bem heterogêneas e distantes da minha formação e recursos materiais e culturais.

Como "Alice, quando caiu no buraco", na obra de Lewis Carrol, dei-me a conhecer espaços, pessoas e manifestações que ocorriam na "periferia" e seus tesouros.

Eventos de capoeira apresentavam maculelê, puxada de rede, sambas de roda, rodas de samba... muita ginga e axé, e eu lá...

Tantas facetas e expressões culturais implicadas com o que de início eu achava que seria uma prática corporal de homens fortes, valentes e suados. A relação

centro-periferia obviamente estava posta, questionada.

Então, penso no que Bhabha (2013, p.25) chama de fronteira, "o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente..."

Naquela altura, transitava em universos paralelos: família, capoeira, universidade e instituições para pessoas com transtornos e/ou deficiência. Em cada um dos lugares, sentia-me estrangeira, no sentido de não pertencer inteiramente ou verdadeiramente àqueles contextos. Sentia-os como partes. Identidades, cenários, critérios, linguagens e códigos distintos com seus modos de tradução e/ou agenciamentos coletivos de enunciação, próprios de cada trama, compunham um caleidoscópio. Os modos de dizer capturam a experiência sobre os pertencimentos e as identidades criam papéis-personagens conforme o trânsito naqueles territórios, tempos e espaços.

Em minha memória de escola, paralelas são retas que nunca se encontram. No meu caso, a despeito das retas, acho que eram curvas, pois, a noção de paralelo foi refutada. Os universos acabaram se cruzando... e se atravessando, virando outro e eu, outra (s)...

Muito embora (já) se discuta o esgotamento de referências epistemológicas eurocêntricas, típicas de um processo de colonização cultural, estético e político, tais referências ainda encontram-se entranhadas/subjetivada em muitos de nós.

Ao ler a obra de Fanon - Peles negras, máscaras brancas, entendi que a colonização não somente implica em subordinação material, mas sobretudo, oferece meios, modos, agenciamentos socialmente gerados de ver e dizer sobre o mundo em que vivemos. Os significados, os enunciados são forjados para atribuir sentidos compartilhados para nos comunicar. A língua e seus usos discriminam, de maneira positiva, negativa ou até mesmo negando, ignorando processos perversos de exclusão/discriminação, como por exemplo, o racismo. Conforme o autor mencionado, racismo e colonialismo são modos forjados socialmente, que contam com o papel privilegiado da linguagem. E, formam sujeitos em seus modos de ver, sentir, dizer e estar no mundo. A linguagem tem uma importância fundamental nos processos de subordinação nomeada por vários autores, inclusive por Fanon, como colonização epistemológica. As narrativas e práticas discursivas não são ingênuas, nem neutras.

No imaginário do capoeira¹ soa a ladainha muito conhecida: [Uma vez perguntei](#)

[a seu Pastinha...](#)

[...] O que é a capoeira?

E ele, velho Mestre respeitado,
Ficou um tempo calado,
Revirando a sua alma
Depois respondeu com calma,
Em forma de ladainha.

A capoeira

*É um jogo, é um brinquedo,
É se respeitar o medo,
É dosar bem a coragem
É uma luta,
É manha de mandingueiro,
É o vento no veleiro,
Um lamento na senzala*

*É um corpo arrepiado,
É um berimbau bem tocado,
Um riso de menininho
A capoeira
É o vôo de um passarinho,
O bote da cobra coral...
Sentir na boca
Todo o gosto do perigo,
É sorrir para o inimigo
E apertar a sua mão
É o grito de Zumbi
Ecoando no quilombo,
É se levantar do tombo
Antes de tocar no chão
É o ódio,
É a esperança que nasce,
Um tapa sutil (explodiu) na face
Que foi arder no coração
Enfim,
É aceitar o desafio
Com vontade de lutar
A capoeira
É um pequeno barquinho
Solto nas ondas do mar
lee.. (Canta Mestre Toni Vargas, os grifos são meus)*

1 Optei por mencionar no curso do texto a palavra capoeira em dois sentidos: tanto para se referir a quem a pratica, nesse caso o capoeira (ao invés de capoeirista), como a capoeira propriamente dita, arte/patrimônio cultural imaterial. Destaco que, quanto ao uso do artigo o/a, a questão de gênero não está contemplada no escopo da reflexão.

"... a capoeira é um jogo, é um brinquedo, é se respeitar o medo, e dosar bem a coragem..."

Decerto, a capoeira é um jogo. O medo sempre à espreita. É preciso coragem!

Em meu caso, passou-se quase trinta anos de vida para que eu começasse a gingar.

A ginga é o corpo em diálogo entre os capoeiras, quando jogam em uma roda de capoeira. Ela, a ginga, expressão construída de modo estritamente pessoal em cada um, é o molejo básico do jogo/corpo, de onde partem e voltam os movimentos, entre ataque e defesa, floreio e vadiação.

A vadiação tornou-se um código, uma proposta, uma filosofia do jogo da capoeira. Vadiar, malandrear, mandigar na roda de capoeira é uma atitude frente ao jogo, um convite à efetuação de um ritual de encontro, alegria, liberdade, afirmação.

Para tanto, se aprende a gingar, primeiro movimento/linguagem corporal necessária a quem se interessa pela arte. Entretanto, gingar não é vadiar necessariamente...

Aprender a gingar... pois, da ginga tudo parte, devém.

A ginga no contexto de aprendizagem – construção/criação singular do capoeira - é uma experiência e tanto. Permite uma percepção de si inusitada e desafiadora, ao demandar exploração e invenção do corpo de outros modos, e nesse caso, um modo próprio em busca de uma linguagem "de si", pontual. O capoeira quando ginga, coloca em movimento uma complexidade desconhecida/não sentida até então, que por sua vez se reinventa a cada repetição.

Os movimentos de capoeira no corpo de cada pessoa se recriam a cada momento, a cada jogo, conforme as circunstâncias específicas: afetos e desafetos, parceiros de

jogo, musicalidade, energia da roda, local... Enfim, muitas singularidades atravessam e compõem aquele momento preciso – o jogo de capoeira e cada capoeira.

O jogo de capoeira é uma composição coletiva pautada na experiência sensível, envolve, pois, a presença e a participação fundamental dos sentidos que se afetam e se recriam, influenciando na estética do jogo e nos capoeiras. O jogo não é apenas uma performance individual, técnica e racional de uma dupla de capoeiras. É mais, bem mais ...

Jogar capoeira é uma experiência criadora e (pode ser) emancipadora.

As noções de diferença e repetição deleuziana são muito oportunas para se pensar ou se comunicar a experiência sentida pelo capoeira, na capoeira, como criação e possibilidade de emancipação que se efetua a partir da repetição (DELEUZE, 2009). O capoeira se faz diferente, na diferença que se repete infinitamente em cada jogo, em cada treino.

A diferença, na perspectiva de Deleuze, como a entendo e me aproprio, tem a ver com uma condição de diferenciação multiplicativa em cada um de nós. Repetição, no caso, não é reprodução, mas nova-mente, de-novo. Tal condição, de diferir, de-novo, nova-mente, incessantemente, nos torna diferentes num processo de diferenciação que se multiplica. Para os amantes da capoeira, isso é muito presente quando se treina, quando se joga capoeira. Repetição na capoeira e em Deleuze não é reprodução. Treinar capoeira envolve repetição de movimentos e jogos, em busca de uma “perfeição”, uma ideia. Como esculpir uma argila in natura que não se fixa, não endurece, repetimos um movimento infinitamente num treino ou num jogo. Trata-se de um desejo de superação de si mesmo, um aperfeiçoamento pessoal. Não envolve cópia de um modelo original. Ainda que se tome alguém como referencia,

em geral algum mestre ou aquele que disponibiliza os saberes e rituais, não significa que há um modelo a ser copiado, mas um uma inspiração, um mote, um ponto de partida. Ao se jogar, coloca-se em movimento uma relação presente, contingente e insurgente a partir de vários fatores: os parceiros que jogam e todo entorno que participa emoldurando a cena, os outros capoeiras, a musicalidade, o clima, a energia - o axé. Posto que, o movimento e/ou golpe/jogo de capoeira é fluxo, cada um os efetua de um modo, com um estilo, desenvolvendo uma estética própria, que se recria a cada repetição. Portanto, nesse caso, não existe o "original", o certo a perseguir, mas um desejo de jogar capoeira com "eficiência", na perspectiva do diálogo do jogo que se estabelece entre os capoeiras. Não havendo modelo genuíno e cópia, somos livres para criar no jogo. O "de novo", o nova-mente comporta uma imprevisibilidade, não passível de controle ou reprodução. Por isso, treinamos muito para criar uma linguagem, uma potência própria que se efetua, se atualiza quando posta em jogo no jogo da/o capoeira. Esta potência não é progressiva ou cumulativa, ela é atualizada pela e na repetição. O estilo e a estética do/da capoeira é rizomática e virtual. Isto é, a partir do momento que o capoeira começa a jogar, o jogo adquire certa independência, criando um curso próprio, naquele momento, como uma composição dos múltiplos elementos presentes. Semelhante a uma sinfonia tocada por uma orquestra. O jogo é uma criação inédita, coletiva e múltipla. Ele não se reproduz. De-novo, buscamos superar o antes, por isso repetimos infinitas vezes movimentos, golpes, gingas, sempre outras, recriadas como fluxos que não controlamos, muito menos prevemos. Apenas, um desejo em curso – jogar capoeira, "de-novo", novamente, infinitamente, diferença que se faz na repetição. A diferença se fazendo na repetição do jogo. E, a capoeira pode ser emancipadora porque a cada vez que se joga, o capoeira pode se perceber diferente, reiventando modos, estilos ou estéticas de si em resposta às demandas do jogo.

A experiência com a capoeira me permite, também, pensar a cultura na esfera do “além”, conforme discute Bhabha (2013, p.19): “o “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... [...], momento de transito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade”.

A capoeira como um movimento de resistência, num tempo e espaço cruzado - experiências e referências distintas de povos africanos expatriados e violados, produziu “figuras complexas de diferença e identidade”: os capoeiras.

A capoeira nasce no Brasil colonial e escravocrata, como um movimento insurgente, gestado na ancestralidade africana, por diferentes etnias e referências culturais de africanos escravizados e despatriados pela Metrópole eurocêntrica e imperialista.

Na perspectiva do “além” de Bhabha, entendo a capoeira como transmutação, posto que o seu nascedouro germinou-se na desterritorialização de referências culturais distintas lançadas à revelia ao mar, como, canta a ladainha:

**[...] A capoeira
[...] é o vento no veleiro,
Um lamento na senzala[...]**

**É o ódio,
É a esperança que nasce,
Um tapa sutil (explodiu) na face
Que foi arder no coração**

**Enfim,
É aceitar o desafio
Com vontade de lutar**

**A capoeira
É um pequeno barquinho
Solto nas ondas do mar**

Em trânsito, num tempo e espaço estranho, longe -de casa-, lançados em um caldeirão étnico, estético, ancestral, e cultural plural, tribos diferentes se encontram e atravessam o -mar-, a despeito de desafetos entre eles, açoiados pelo chicote do feitor.

Nesses limites e fronteiras impostas, ecoaram vozes dissonantes e protagonistas de uma cultura a vingar - a capoeira, com intensidade e riqueza da diáspora negra e ancestralidade africana.

A insurgência de movimentos de resistência e o reconhecimento de culturas e sujeitos de direitos anteriormente ocultados e subalternizados, como a capoeira, urge superar narrativas e/ou mitos fundacionais, essencialistas e originários que inspirem processos de subjetivação fixados em uma ideia de tradição.

Interstícios? Entre-lugar?

A capoeira como um "entre-lugar", um lugar de fronteira, um interstício?

"Estar no além, portanto, é habitar um espaço intermédio, [...]. Mas, residir -no além- é ainda, [...] ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; tocar o futuro em seu lado de cá". (BHABHA, 2013, p.28)

A capoeira, como arte, pensada como um "entre-lugar", dimensiona a perspectiva da cultura como "além" . Posto que,

"O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com -o novo- que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado, refigurando-o como um -entre-lugar- contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O -passado-presente- torna-se parte de uma necessidade, e não da nostalgia, de viver". (BHABHA, 2013, p.29)

Essa discussão me parece relevante quando se trata de práticas culturais e artísticas, como a capoeira, outrora não apenas subalternizada, mas criminalizada no Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, em 1890, como canta [Mestre Toni Vargas, em sua ladainha -Dona Isabel](#) -. Ele começa citando:

Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil

Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890
Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras
Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena de prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o **capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.**

(Os grifos são meus; mídia/álbum completo -Liberdade-, composição/ladainha -Dona Isabel- de Mestre Toni Vargas)

De fato, “a significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes ...” (BHABHA, 2013, p.24).

Pois, a capoeira, dado o reconhecimento da Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira como bens culturais de natureza imaterial, tornou-se um patrimônio cultural não apenas do Brasil (IPHAN, 2008), mas da humanidade (UNESCO, 2014).

Acesso ao vídeo:

[*Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil*](#)

[...] pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes. Os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade de nossa gente. O intangível, o imaterial. (GIL, 2008²)

Vale comentar que a noção de patrimônio cultural imaterial é diferente de patrimônio material. Imaterial tem a ver com práticas e saberes em movimento, que se atualizam e se fazem pertinentes para um dado grupo social, num contexto histórico referendado. Não se trata de uma obra acabada, assim, como o fato de ser patrimônio, não implica em fixação, como comumente se concebe. Muito pelo contrário, as práticas culturais, ainda que celebrem e reverenciem suas ancestralidades e tradições, se atualizam no tempo e espaço, e com as novas gerações. Elas se recriam para sobreviver, inclusive para continuarem a serem patrimônios imateriais - diferença na repetição. O patrimônio imaterial é um território intersticial propriamente dito, por permitir recriar a própria cultura; é um "entre-lugar" como um dispositivo cultural que efetua o "além". Assim, o termo imaterial implica em dinamismo criativo e atualizado pelas comunidades que são referências para as práticas culturais, e vice-versa, reconhecidas como patrimônio imaterial. Como é o caso da capoeira.

Então, novamente, penso no que Bhabha (2013, p.25) chama de fronteira, "o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente..."

A capoeira como um jogo, um brinquedo, aventura, memória, partilha, mandinga, amizade, partida e chegada, ao som do atabaque, berimbau e pandeiro, se faz diferença na repetição. O capoeira se faz diferente quando participa de uma

² Texto escrito por Gilberto Gil na ocasião em que foi Ministro da Cultura, em fôlder de divulgação do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN sobre Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, 2008.

roda de capoeira.

A capoeira é um território fértil para o novo, para a criação. Um “entre lugar” quando a capoeira se faz arte e cultura. Na experiência do sensível, muitas emoções e sentimentos são evocados e exalados.

Nós, capoeiras, jogamos, brincamos, lutamos, dançamos, sentindo vibrações que se expressam em forma de corpo, de jogo, de luta, cultura e alegria. Magia? Experiência intersticial?

“... o/a capoeira é voo de passarinho, um barco, um barquinho solto nas ondas do mar...”

Hoje, soltos e livres navegando nas ondas do mar, esse imenso mar que é a vida, barco e mar, capoeira e vida, o balanço nos embala em alto mar.

Vivemos, jogamos, criamos, brincamos, e nos refazemos ao som do berimbau.

Não somos um, somos muitos, singularidades que nos atravessam, e nos multiplica. Cada um em um tempo, a seu tempo, tanto em verso, como em prosa.

Múltiplos caminhos, encontros e desencontros, o destino, o acaso ou a história nos uniu! Vamos tecendo uma memória, partilhada e recriada por cada um de nós, a seu modo, com sua versão... e seu canto, em sua ginga a jogar. Criamos sentidos que se multiplicam a cada encontro, a cada jogo, a cada sorriso..., em cada festa, em cada gole e em cada golpe. Um sentimento de pertencimento vai se formando e ocupando nossos corações, que se reconhecem como capoeira. Uma fraternidade que em cada jogo, em cada abraço se renova e se recria o amor entre nós e pela capoeira; nesse jogo, com esse brinquedo que tanto exige respeitar o medo e dosar bem a coragem.

É isso, capoeira não tem uma história..., mas muitas histórias!

Novamente, afirmamos, não somos um, somos muitos, que se interpenetram, se misturam e produzem incessantemente histórias e mitos que vão povoando nossos dizeres, dando forma a nossos versos, inventando uma memória partilhada, respeitada e querida.

Pertença, amizade, liberdade, criação e alegria! Talvez, sejam esses nossos lemas. Como a terra, a amizade é o nosso adubo, a liberdade, o nutriente, a criação, o milagre que se recicla em "capoeira", a alegria de jogar capoeira!

Não desdenhamos o passado, referendamos nossa ancestralidade, mas celebramos o presente, tendo em vista a construção de um futuro melhor, nos permitindo sonhar...

Concordo com Bhabha ao alertar para o equívoco de se ler apressadamente a representação da diferença como "reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição". Pois,

"Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição -recebida-". (BHABHA, 2013, p.21)

Volta ao mundo nos faz lembrar que a roda gira..., ontem, o mar era um destino irreversível, cruel e desumano, quando fomos lançados ao mar em navios negreiros, açoitados pela ignorância, imperialismo e desumanidade.

Hoje, atravessamos o mar, revertendo a história.

Nosso legado, a capoeira, conquistou a reverência de patrimônio cultural imaterial do Brasil e da humanidade. Nessa cultura mestiça, guerreira, afro-brasileira que nos encanta e nos sustenta, resta ao capoeira, uma arte-mandinga e brasileira!

A/o capoeira como um barco nas ondas do mar cruzou oceanos e desbravou horizontes antes nem imaginado...

Outras terras, outros povos, outras línguas têm sido conhecidas e dando a conhecer essa arte-cultura afro-brasileira, que se renova em cada toque, em cada jogo, em cada dança, aceitando o desafio de lutar, sorrir, e amar.

Estamos em muitos cantos, várias cidades e países.

Muitos de nós, tornamo-nos detentores e responsáveis por esse saber: professores, contra-mestres e, sobretudo, os Mestres de capoeira, comandantes desses navios.

Em cada canto, em cada jogo, a vida-arte-capoeira se recria, como há de ser..., aceitando o desafio, com vontade de não mais apenas lutar, mas sorrir e amar... jogar, brincar, ao som do toque e do axé de nossos berimbaus a soar.

Destarte, ocupamos novos espaços, fertilizamos territórios, produzimos culturas e tantos projetos estão a se realizar, girando a roda, na volta ao mundo.

Passam-se os anos, o relógio anda e o calendário muda como se espera. Tudo previsto pela ordem de uma cronologia linear e lógica, exterior e ignorante das intensidades e dos afetos. Linha surda-muda do trem bala tempo. E, apesar de tudo, contudo, sobretudo, na volta ao mundo, a roda gira.

Iê, viva meu Deus,

iê, viva meu Mestre.

Iê, a capoeira,

iê, quem me ensinou!

Iê, a roda ao mundo,

iê, a nos saldar!

"Passaram-se quase trinta anos de vida para que eu começasse a gingar.

Nunca soube ao certo qual é o meu lugar no mundo, nos grupos, nas relações sociais. Vivo uma sensação ambivalente em meus pertencimentos. A vivência que experimento em muitos momentos, em diferentes cenários, em diferentes papéis e personagens é a sensação de estar fora. Fora dos critérios e ou demarcações que emolduram o estar dentro, enquadrando os que fazem parte de um grupo.

Em muitas situações sociais, continua a sensação de estranheza e de não pertencer exatamente ou exclusivamente aos grupos, devido ao modo de pensar tão particular sobre as experiências e o mundo. Experimento desconfortos devido aos deslocamentos possíveis sobre as paisagens e horizontes vislumbrados. Posto que, nem sempre, consigo comunicar o que quero ou o que penso. Nem sempre consigo dialogar sobre mundos e modos possíveis de enunciar, de interpretar e de sentir. Pertencimentos fugidios, horizontes singulares entre olhos marejados por momentos e intensidades. De qualquer modo, esforço-me e busco possibilidades de traduções... Ainda sabendo que nem sempre é possível.

Tentei traduzir momentos de intensidades, quiçá deslocamentos vividos e provocados por muitas gingas... e jogos.

A ginga continua, como costuma dizer o meu Mestre.

Este texto é um desses esforços.

Norma Silvia Trindade de Lima

e-mail: normatl@unicamp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4999266005000077>